

ANÁLISE POLISSÊMICA DO VERBO *DAR* SOB A LUZ DOS ESTUDOS CULIOLIANOS

Fernanda Martins Luz (UFPI) ¹

INTRODUÇÃO

A variação do sentido de uma unidade linguística é algo perfeitamente aceitável e recorrente nas mais diversas atividades de linguagem. No entanto, uma abordagem tradicionalista e fortemente radicada na concepção escolar, postula a existência de um sentido de base que se repete nas diferentes manifestações languageiras que se materializam nas práticas discursivas do cotidiano. A catalogação de sentidos em dicionários reflete essa concepção que desconsidera a variação como processo decorrente da interação entre unidade linguística e contexto.

Paralela a esta concepção, verifica-se a existência de uma visão também simplista de que os sentidos são oriundos da distribuição de valores entre as unidades constitutivas de uma sequência discursiva, ou num processo inverso, resultante da soma dos valores semânticos de suas unidades, ambas as posturas errôneas por não serem capazes de enxergar a verdadeira dinamicidade que rege a dialética interna das manifestações linguísticas.

A relação de interação que defendemos entre unidade linguística e contexto como postura metodológica adequada para se chegar à significação efetiva perpassa a simples observação do meio extralinguístico, visto que ele não é suficiente por si só. Na verdade, essa interação não é vivida apenas no plano teórico, ela se efetiva mediante uma troca entre ambos os domínios, cabe ao material verbal desencadeá-lo para que num processo complementar este se efetive. O contexto é, portanto, engendrado pelo próprio enunciado.

Dessa forma, ao defendermos que o sentido não é dado, mas construído no enunciado, situamos esse estudo na perspectiva culioliana, o qual tem como objetivo analisar os valores referenciais adquiridos pelo verbo *dar* nos diferentes contextos discursivos em que ele se efetiva, contribuindo assim para a construção de sua identidade semântica representada por meio de uma forma invariante.

Para tanto, surge como necessidade indispensável a discussão dos princípios teóricos da Teoria das operações predicativas e enunciativas, em particular a construção do conceito de noção, valor referencial e invariância, atividade essa a que nos dedicaremos após discorrermos à respeito da noção de referência e enunciado sob diferentes perspectivas.

1- Referencia e enunciado

Por tratar-se de uma teoria da enunciação, não podemos passar à construção do conceito de noção na perspectiva culioliana sem antes discutirmos a respeito do que seja a referência na perspectiva construtivista a qual esse estudo se inscreve, bem como a concepção de enunciado, visto como um arranjo de formas por meio do qual o sentido é construído.

Partindo da referência, esta deve ser entendida como a capacidade de representar em forma de palavras ou enunciados o mundo real e o mundo das ideias, representação esta vista de diferentes ângulos a depender da concepção e da época analisadas. Opondo-se à concepção Aristotélica, que defende a existência de uma relação direta entre o pensamento, a linguagem e o mundo, bem como a abordagem clássica, que concebe a referência como a representação do mundo das ideias, a abordagem construtivista na qual se inscreve este estudo postula não

¹ Mestranda em Letras na área de Estudos de linguagem- UFPI, e-mail: nandamartins_23@hotmail.com.

existir uma relação direta entre o mundo e as coisas, nem entre o mundo e as ideias. Constituindo-se como um modelo formal que apreende a referência como o lugar de encontro entre o cognitivo e a estrutura geral da língua, esse modelo postula que o sentido não é dado, mas antes construído pela linguagem. A esse respeito Franckel (2011, p. 42) destaca que

O sentido das formas não é definido por aquilo a que eles remetem, em um mundo (ou uma representação do mundo) externo à língua; a significação de um termo não poderia se confundir com sua referência: ela só se constitui de uma dinâmica da construção estabelecida nos enunciados e pelos enunciados.

Analisando sob essa óptica, os sentidos não são dados *a priori*, nem tão pouco são explicáveis a partir de uma contextualização extralinguística. Há um jogo de interação e de múltipla interferência entre o linguístico e o extralinguístico. É a linguagem que constrói o mundo, e é este que, num processo inverso, dá vida e sentido à linguagem. Há um jogo constante de múltipla interferência entre o cotexto e o contexto. Dessa forma, são elementos constitutivos dos sentidos de um enunciado as unidades da língua, a organização e o arranjo dos mesmos e a sua entonação.

Assim, uma sequência discursiva só é interpretável a partir de um contexto, que por outro lado é desencadeado pela própria sequência discursiva, sendo esta responsável pela definição das contextualizações com os quais ela é compatível. Vista sob esse ângulo, “a sequência apresenta-se como um potencial interpretativo, eventualmente compatível com vários tipos de contextualização por ela determinados”. (FRANCKEL, 2011, p.24). Por outro lado, o enunciado deve ser compreendido como uma sequência estabilizada por um contexto definido.

Quanto aos níveis de linguagem, Culioli (*apud* Vogüé: 2011, p. 74) postula a existência de três, são eles “o nível das operações cognitivas (nível 1), o nível dos arranjos formais, que são os vestígios dessas operações cognitivas nos enunciados (nível 2), e o nível por ele determinado metalinguístico (nível 3), das operações que o linguista reconstitui para dar conta de 2”. Apesar de se referirem a três níveis distintos, todos estão inter-relacionados, visto que o nível metalinguístico nada mais é do que a representação das operações cognitivas, que por sua vez se materializam por meio de arranjos formais.

Os sentidos são, segundo essa óptica, fruto de um trabalho de ajustamento, de regulação, possibilitado pela plasticidade da língua. A estabilidade semântica é resultante desse processo, alcançada mediante processos interativos. Esse processo de regulação e ajustamento constante da língua aos usos do falante, é responsável pela existência de diversos valores semânticos, denominados por Culioli como valores referenciais, os quais são resultantes de uma estabilização interna, definida localmente.

De outro lado temos o referente que está situado na ordem do já dito, do pré-definido, é resultante de um contrato firmado pelos falantes a fim de manter a unidade de sentido e a comunicação. Tem, portanto, a estabilidade como característica intrínseca, visto que sua finalidade é representar por meio de unidades linguísticas toda a gama de conhecimento acumulada pelo homem.

Tendo discutido a respeito da noção de referência na perspectiva construtivista, o conceito de enunciação e como se dá a construção dos sentidos na Teoria das operações predicativas e enunciativas - TOPE, passamos agora à discussão de alguns conceitos-chave da teoria culioliana.

2- ALGUNS CONCEITOS DA TEORIA CULIOLIANA

Conforme expresso anteriormente, essa teoria se insere nos estudos enunciativos por ter como objeto de estudo o enunciado, sendo visto como o resultado de um processo de agenciamento de formas recuperável através dos mecanismos enunciativos. Em relação às

demais teorias que se inserem no mesmo campo de estudo, esta destaca-se por defender a existência de uma relação de colaboração entre forma e contexto.

A atividade de linguagem, entendida por Culioli como atividade de construção e reconstrução da significação, parte do enunciado, mais precisamente da observação das formas linguísticas, para explicar o todo significativo. No entanto, o agenciamento das formas não se dá de forma isolada. Por constituir-se como uma atividade dinâmica, a linguagem, materializada em forma de uma sequência, texto, enunciado ou unidade lexical é tomada sempre em relação a outro termo dado, operação esta responsável pela ordenação e disposição das formas. Desse modo, todo ato enunciativo contém uma relação orientada de localização que atribui a um termo o lugar de localizador e a outro de localizado.

Quanto à noção, esta é em Culioli entendida como “um sistema complexo de representação estruturantes de propriedades físico-culturais de ordem cognitiva” (CULIOLI: 1982, p.8 *apud* VALENTIM:1998, p. 36). Por se tratar de um complexo de representação cognitiva não podemos falar da existência de um conceito homogêneo para todos os indivíduos. Ela é fruto de experiências individuais, únicas, em que através do contato com o mundo é possível construir representações, daí a noção ser definida apenas qualitativamente. A esse respeito, Franckel & Paillard (2011, p. 92) afirmam que:

A noção é em si própria indizível, sendo apreendida senão através das relações particulares que são suas ocorrências. Ela implica, portanto, relacionar uma ordem de existência, que não é materializável, nem exibível, nem dizível em si, com as marcas dessa ocorrência, e que jamais são senão suas marcas.

A noção é, portanto, responsável pela construção de um domínio nocional, que diz respeito a um conjunto de classes de ocorrências abstratas, alcançados mediante um processo de fragmentação da noção, passando-se assim do qualitativo ao quantitativo. Valentim (1998) chama atenção para o fato de que a classe de ocorrências abstratas comporta uma ocorrência que serve de centro organizador, constituindo-se dessa forma como uma ocorrência tipo, servindo de referência para as demais ocorrências. Assim, o tipo permite estabelecer a relação de pertencimento de uma ocorrência em relação à noção, constituindo-se como um exemplar.

Além do tipo, a noção apresenta outro polo organizador que é o atrator, que conforme expresso, tem como função organizar as ocorrências e regular a sua ordenação, determinando em maior ou em menor grau o nível de pertencimento de uma ocorrência em relação a uma noção. Assim, a depender do grau de proximidade das ocorrências em relação ao centro organizador, podemos situá-las no interior (I), exterior (E), fronteira (F) ou na zona que não é nem interior nem exterior (IE) de um domínio. Quanto mais próximo do interior, maior a proximidade com o centro atrator.

Quanto à invariância, Franckel & Paillard (2011) destacam que não se deve partir de um modelo teórico fixado sobre categorias metalinguísticas ou cognitivas preestabelecidas, mas antes buscar invariâncias a partir da singularidade e da diversidade das línguas. Buscar a invariância significa partir da diversidade das línguas rumo à construção de sua singularidade, a partir da observação detalhada que rege e organiza de forma específica cada uma delas.

O valor referencial é, portanto, resultante da estabilização de uma unidade linguística, sequência ou enunciado. Situado no nível metalinguístico, ele “tem por função retratar os mecanismos, as operações abstratas relacionadas à atividade de linguagem e que só nos são acessíveis por meio da materialidade formal dos enunciados”.(CULIOLI: 1990 *apud* LOPES: 2000, p. 74). Os conceitos *quantitativo* e *qualitativo* nada mais são do que o resultado de um desejo de compreensão das formas de organização do nível dos valores referenciais expresso por Culioli.

Tendo exposto algumas noções-chave à respeito da Teoria das operações predicativas e enunciativas, passamos à análise de uma entrevista, definindo como objeto de estudo as várias ocorrências do verbo *dar*, em busca da construção de seu valor referencial que defina a sua singularidade por meio de uma forma invariante.

3- A polissemia do verbo *dar*

As ocorrências aqui analisadas são oriundas de um corpus de entrevistas que fazem parte do banco de dados do PORFATER (Português falado por estudantes de Teresina), o qual contém entrevistas com alunos das séries finais do Ensino Fundamental e alunos do 3º ano do Ensino Médio de escolas privadas e públicas, de ambos os sexos. Por se tratar de um estudo curto, as sequências em análise dizem respeito ao corpus coletado de um único entrevistado de escola particular, do sexo masculino, sendo sua escolha feita de forma aleatória.

Quanto à forma de análise das ocorrências do verbo *dar*, estas serão organizadas com base na função sintática desempenhada pelo referido verbo, seguida da análise semântica de cada uma delas, destacando assim os sentidos potenciais presentes nos referidos exemplos. Assim, passamos de fato à análise do primeiro grupo.

3.1- Construções transitivas

Esse grupo apresenta a maior parte das ocorrências identificadas, por se tratar do emprego mais recorrente do verbo *dar*. No entanto, sua diversidade de emprego destaca a existência de vários sentidos que, apesar de próximos, apresentam variações consideráveis.

- “... eu vejo a pergunta e já vou logo *dando* a resposta...”. (p.19)

Recorrendo-se ao dicionário, considerado por muitos a fonte primeira dos sentidos, certamente nos depararíamos com o conceito de dar relacionado a ideia de *ceder* algo a alguém de forma gratuita, sem pedir-lhe nada em troca. No entanto, como viemos enfatizando ao longo desse estudo os sentidos não são dados *a priori*, mas construídos no e pelo discurso. Assim, a ocorrência do verbo *dar* no exemplo citado se aproxima muito mais de *escrever* do que propriamente de *ceder*, visto que não se trata de um processo que envolve objetos ou bens materiais, mas de uma situação de interação viabilizada por meio de um código escrito através do qual se dá a interação entre dois ou mais interlocutores.

Portanto, podemos destacar a presença de uma relação de causa-consequência, de interrelação, que só se concretiza mediante o cumprimento de uma etapa, o questionamento, sendo esta condição necessária para a realização e conseqüentemente concretização da ação de escrever.

- “...é um livro que se *dá* pra... pra ler é um livro muito bom...” (p.22)

Um novo sentido para o verbo *dar* surge no caso acima, aqui o referido verbo se aproxima da noção de *permitir*. No entanto, a forma como o verbo e a sequência como um todo são apresentados demonstra que essa atividade de leitura não é tão simples, é fruto de um trabalho intenso de decodificação e compreensão que exige do leitor mais conhecimento sobre o assunto.

Trata-se, portanto, de um processo lento, que, no entanto, é recompensado pela riqueza das informações, compreendidas pelo leitor como de boa qualidade, prazerosa, que recompensa a dificuldade enfrentada no estágio inicial de decodificação das informações. A acessibilidade de suas informações é, portanto, um elemento positivo ao qual se soma sua grandiosidade.

- Quer dizer que quando chegar no final é que tu vai *dar* o nome? (23)

Nessa sequência, verificamos a existência de um novo sentido em uso. A expressão *dar o nome* nos conduz à apreensão do verbo à noção de *atribuir*, nomear pela primeira vez. Trata-se, portanto, da realização de uma atividade primeira, precursora, que só se efetiva mediante a conclusão de uma etapa anterior, que é a finalização da atividade escrita. Mais uma vez verificamos a existência, nesse exemplo, de uma relação de causa-consequência, em que a atribuição de um nome ou título a um texto ou redação, só se concretiza após a finalização da mesma.

Constitui-se, assim, como um ato fortemente influenciável, na medida que não se completa em si mesmo, mas antes reproduz ou identifica uma ideia central sobre a qual se concentra ou se estrutura uma gama de informações, que darão corpo e sustentação ao texto. Daí não ser autônoma, mas antes submissa ao todo.

➤ “... aí o Miguel *dá* os dados viciados sabe o que é isso?...” (p.23)

O emprego do verbo *dar* nessa sequência aproxima-se da ideia de *jogar*, pois a presença do termo *dados viciados* nos remete à ideia de jogo, atividade lúdica através da qual se busca a vitória ou a obtenção de algum título. No exemplo citado, *dá os dados viciados* significa fazer uso de dados para se obter uma quantidade X necessária para a consecução de etapas ou obtenção de pontos que se acumulam ao longo do jogo.

Esta é, portanto, uma prática pré-estabelecida que faz parte das regras que regem o jogo, configurando-se como uma etapa da qual participam todos os seus participantes diretos numa tentativa de acumular o maior número possível de pontos e assim chegar ao término do jogo como vencedor.

➤ “... até que eles encontravam os riozinhos mas não *dava* pra eles/ matavam a sede mas não matavam a fome né?...” (p. 24)

Neste exemplo, o verbo *dar* se aproxima mais de *permitir* do que de qualquer outro sentido, na medida que a possibilidade dos sujeitos ativos saciarem a sua fome era interrompida por algum fato não explicitado no trecho transcrito, que torna a situação insustentável, mas apesar disso inflexível.

O uso da expressão *até que* denota que o fato de encontrar um rio não foi tarefa fácil, mas que, apesar de tanto esforço, não foi suficiente para responder às expectativas de seus descobridores, saciar sua fome. Assim, *dava* a possibilidade de matar a sede, ou seja, permitia a ele matar a sede, mas não permitia aos mesmos matarem a fome, devido a inexistência de peixes ou outros animais aquáticos que lá poderiam ser encontrados.

➤ “... que eu vejo aquele Matrix num tem *dando* golpes aqui *dando* golpes acolá...” (p 25).

Nessa sequência discursiva *dar golpes* se aproxima da ideia de *desferir*, atingir alguém através do uso da força bruta a fim de alcançar a vitória, obter alguma coisa de qualquer jeito ou mesmo mostrar sua superioridade física em relação a outro ser de forma brutal. Trata-se, portanto, de uma atitude agressiva e com forte conotação machista, que desconsidera o diálogo como a alternativa mais viável para solucionar as diferenças.

Assim, sob essa cultura, fazer uso da força física para alcançar um fim desejado é sinônimo de masculinidade, poder e supremacia, em que a força é o fator principal responsável pela manutenção da vida e das relações sociais. Instaura-se assim, um ambiente de tensão e de seleção tida como natural, em que apenas os mais fortes sobrevivem.

➤ “... E o Flamengo ta te *dando* alegria tristeza como é que tá? ...” (p. 29)

A exemplo do caso anterior, o verbo *dar* novamente é usado no sentido de *oferecer*, *proporcionar*. Também nesse exemplo o sentimento está em jogo, porém não em relação a outro ser, mas em relação a um time de futebol que é considerado o melhor, ou o que mais se aproxima do referido torcedor devido o compartilhamento de interesses em comum, daí o motivo pelo qual é visto como time do coração.

Verificamos nesse caso, um sentimento de troca, de relação mútua, posto que o desempenho do time no campo é fator responsável e fortemente influenciável do comportamento do torcedor, o que comprova o uso do termo *dando alegria tristeza*, que refletem a relação de interação e proximidade entre ambos, time e torcedor. Assim, o comportamento de um torcedor se torna muitas vezes o reflexo do desempenho de seu time do coração nos campos.

De forma geral, dar alegria ou tristeza pode ser compreendido de forma simples como oferecer, dar motivos para ou proporcionar sentimentos variados que reproduzem os resultados alcançados dentro de campo. Portanto, torcer não significa somente assistir, mas também vivenciar emoção, compartilhar sentimentos, atitude esta que só é possível quando há uma verdadeira identificação, troca ou doação.

Assim, encerramos aqui a exposição e debate sobre os casos em que o verbo *dar* foi utilizado sob a forma transitiva, que apesar de ser o fator comum às várias ocorrências, apresentam flutuações bastante divergentes quanto ao sentido e as motivações de uso. Passamos agora aos casos que fogem a essa transitividade.

3.2- Expressões idiomáticas

Compreendida por muitos pesquisadores como construções que fogem ao uso normal por fazer uso de novos sentidos que extrapolam os sentidos usuais, as expressões idiomáticas configuram-se como uso particulares de expressões que fundamentam-se na proximidade semântica de determinadas expressões entre o sentido pretendido e o novo uso a esse atribuído.

Nas entrevistas em análise, dois casos que adequam-se a esses novos sentidos foram identificados, ampliando-se, assim, a gama de sentidos que o *verbo dar* pode vir a assumir em diferentes contextos discursivos, sentidos estes, é claro, agenciados pela disposição das marcas enunciativas, em particular, pela disposição dos marcadores discursivos. Assim, passamos à análise dos casos destacados.

- “... viver sempre junto que é pra não *dar* errado na família...” (p.12)

Na sequência discursiva em análise, o *verbo dar* faz referência ao fato de algo de imprevisível vir a ocorrer, de algo além do comum, no que diz respeito à convivência familiar, vir a quebrar uma espécie de vínculo e confiança que regem o ambiente familiar. É como se um acontecimento extraordinário, incomum, que infringisse as leis de organização interna fosse motivo suficiente para instaurar o conflito ou choque de ideias.

Dessa forma, contextualizando melhor o emprego do verbo em análise, podemos propor que o *verbo dar* no sentido empregado aproxima-se da ideia de *resultar, culminar*, estabelecendo assim, mais uma vez, uma relação de causalidade, porém neste caso proporcionada a partir da infração de normas ou regras pré-estabelecidas. Assim, o fato de algo dar errado é fator determinante para a consecução de uma série de punições, ou restrições, que tem por objetivo corrigir os desvios comportamentais ou ainda fazer seu responsável pagar pelo desvio cometido.

Assim, tal uso justifica-se pelo fato de que *dar errado* significa fazer ou deixar de fazer algo que seja motivo de punição. Dito de outra forma, significa dar motivos para que algo negativo venha a acontecer. Portanto, a punição não é algo dado de antemão, mas desencadeado por ações que contradizem as expectativas.

- “... Um italiano ele se *deu* muito bem no prêmio de número...” (p. 30)

Este último exemplo apresenta um sentido que foge aos reproduzidos e disseminados pela gramática normativa. Sendo mais empregada na linguagem coloquial, a expressão *se deu muito bem*, quer dizer tirar vantagem de algo, sair vitorioso ou recompensado por alguma

ação realizada. Assim, no contexto em uso, a expressão pode ser compreendida como obter vantagem por meio de um golpe de sorte ou ainda por meio de uma atitude acertada.

O emprego do *verbo dar* no sentido em análise se justifica pela proximidade entre as ideias ceder algo a alguém e dar o máximo de si para alcançar um objetivo pretendido. Dessa forma, se dar muito bem quer dizer fazer o maior esforço possível ou ainda dedicar-se o máximo em prol de algo que se deseja muito. Portanto, para se dar bem não é preciso só contar com a sorte, mas aliar a ela todas as qualidades e virtudes que fazem um ser melhor do que o outro.

Trata-se, portanto, de uma atitude de doação, de auto-entrega, que exige mais de si do que propriamente dos outros. Assim, a expressão se dar bem pode ser explicada resumidamente da seguinte forma: doe o máximo de si, dedique-se e assim será recompensado com a vitória.

Expresso os vários exemplos de uso do verbo dar, os diversos valores potenciais que ele pode assumir, nas construções transitivas e expressões idiomáticas, passamos à construção de sua forma esquemática:

Dar marca que um termo *X* atualiza um conjunto *Y* de possibilidades que se apresentam como um todo estruturado.

De acordo com essa caracterização, o verbo *dar* é orientado por dois parâmetros:

- *X* é atualizador, na medida em que é ele que determina os valores potenciais.
- *Y* é o conjunto de possibilidades que são atualizadas por *X*, configurando-se como um todo estruturado, que segue a orientações “pré-definidas”.

Assim, ao fazermos menção ao termo *X*, referimo-nos ao termo orientador que serve de base para o surgimento dos valores potenciais que são agenciados pelas marcas linguísticas, bem como pelos contextos potenciais arquitetados pelos mesmos. O elemento *Y* nada mais é do que esse conjunto de possibilidades, resultante da interação entre as marcas linguísticas e os contextos potenciais. Os valores pré-definidos, opondo-se à visão clássica de sentidos dados *a priori*, nada mais são do que o resultado dessa interação, ou seja, seus valores potenciais.

Portanto, com base na análise das sequências discursivas em que o verbo *dar* foi empregado, retiradas da entrevista tomada como modelo de análise, verificou-se que o mesmo comporta uma grande quantidade de sentidos que se moldam aos contextos discursivos em que são utilizados, aproximando-se ora da noção de responder, atribuir, proporcionar, oferecer, possibilitar, ora de desferir, permitir, entre outros.

Em virtude dessa grande flutuação semântica, não podemos falar de valores fixados ou dados *a priori*, mas de sentidos que são estabilizados a medida que tornam-se recorrentes e verificáveis em contextos e situações similares. Assim, não podemos dizer que os exemplos analisados dizem respeito a todas as flutuações semânticas do verbo em análise, mas a apenas uma pequena parcela de seus usos, já que as sequências analisadas dizem respeito a um número muito reduzido de ocorrências.

4- Conclusão

Percorrido todas essas etapas, somos levados a crer que os sentidos nada mais são do fruto do processo de interação entre forma e contexto. Assim, criticamos a visão mentalista e a mecanicista que acreditam, respectivamente, na reprodução do mundo das ideias e na existência de uma relação direta entre o mundo e as coisas. Dessa forma, adotando uma visão construtivista, defendemos que os sentidos são construídos e não pré-existentes, são pois o resultado de um processo dinâmico que orienta o funcionamento da língua e conseqüentemente seus sentidos.

A análise do verbo dar na entrevista tomada como suporte leva-nos a tal conclusão. Muito mais do que representar a ideia de ceder algo ou alguma coisa a alguém sem cobrar-lhes nada em troca, o verbo dar expressa muitos outros sentidos que extrapolam essa concepção. Assim, comportando sentidos variados e nem sempre próximos, podemos falar na existência de valores polissêmicos, valores esses modelados por diferentes interesses e contextos de uso.

Aliado a essa constatação, verificamos também o surgimento de novos valores que, longe de seus sentidos mais usuais, contribuem para a construção de novos sentidos que refletem a dinamicidade das ações e da interação humana. Compreendendo uma nova classe de ocorrências, as expressões idiomáticas multiplicam-se cada vez mais a fim de atender à diversidade de empregos e de sentidos que a língua até então não era capaz de reproduzir.

Portanto, diante de tantas evidências, podemos sem medo afirmar que a língua não é um todo estruturado homogêneo e estanque, mas antes comporta estruturas e sentidos cada vez mais dinâmicos, que reproduzem a diversidade das manifestações e anseios humanos.

REFERÊNCIAS

FRANCKEL, Jean Jacques. Referência, referenciação e valores referenciais. In: VOGUÉ, Sarah de; FRANCKEL, Jean Jacques; PAILLARD, Denis. **Linguagem e enunciação: representação, referenciação e regulação**. São Paulo: contexto, 2011. p. 31- 55.

FRANCKEL, Jean Jacques; PAILLARD, Denis. Aspectos da teoria de Antoine Culioli. In: VOGUÉ, Sarah de; FRANCKEL, Jean Jacques; PAILLARD, Denis. **Linguagem e enunciação: representação, referenciação e regulação**. São Paulo: contexto, 2011. p. 87- 101.

LIMA, Maria Auxiliadora Ferreira; SERRA, Maria Anecy Calland Marques (Orgs.). **Português falado por teresinenses (entrevistas)**. Teresina: EDUFPI, 2010. p. 11- 32.

LOPES, Márcia Cristina Romero. **Processos enunciativos de variação semântica e identidade lexical: a polissemia redimensionada; estudo dos verbos *jouer* e *changer***. São Paulo, 2000. Tese de doutorado.

VALENTIN, Helena Topa. A teoria formal enunciativa de Antoine Culioli: alguns conceitos fundamentais. In: _____. **Predicação de existência e operações enunciativas**. Lisboa: Edições Colibri, 1998. p. 32- 63.

VOGUÉ, Sarah de. Culioli após Benveniste: enunciação, linguagem, integração. In: VOGUÉ, Sarah de; FRANCKEL, Jean Jacques; PAILLARD, Denis. **Linguagem e enunciação: representação, referenciação e regulação**. São Paulo: contexto, 2011. p. 57- 85.